

**Um diálogo sobre a identidade:  
Aproximações e distanciamentos entre Stuart Hall e Zygmunt Bauman**

Maria Marcia de Moura\*

José Adilson Filho\*\*

**Resumo:** Esse trabalho se aproxima dos conceitos de identidade a partir da análise dos pensadores Zygmunt Bauman e Stuart Hall. O que nos interessa é entender como esses autores elaboram suas concepções de identidades. Também é ponto de nosso interesse compreender a atualidade das construções teóricas desses dois autores. O foco das nossas interpretações recai sobre as obras “A identidade Cultural na Pós-modernidade” (Hall) e “Identidades (Bauman), publicadas no Brasil em 1992 e 2005, respectivamente.

**Palavras-chaves:** Conceito de Identidade, Zygmunt Bauman, Stuart Hall.

**Stuart Hall: escrita e política da vida**

Stuart Hall nasceu na Jamaica em 1932, enquanto o país ainda era colônia da Inglaterra. Filho de uma família de classe média, criado, portanto, dentro de uma mentalidade identificada com os colonizadores, embora ele mesmo nunca tenha compartilhado desta identificação. Apesar de no seio da sua família haver, como ele mesmo diz em seu livro intitulado *Diáspora* em uma entrevista concedida a Kuan-Hsing Chen, frações diversas de classe e de cor, ele, por ter a pele mais escura sempre foi visto como certa diferenciação pelos demais, o que o fez criar laços de simpatia e afeição fora do seu núcleo doméstico.

Contrário à vontade dos pais, que o motivavam a estabelecer relação apenas ou preferencialmente com pessoas de classe média e cor mais clara, ele manteve relações com pessoas de espaços diversos e daí começou, desde a sua adolescência a negociação desses espaços culturais. Foi com essa convivência que se viu recusando a formação que lhe foi ofertada: a identificada com os colonizadores dominantes. Percebemos aqui que sua formação foi conflituosa desde sempre, a começar pela recusa do padrão familiar de educação. Tanto que, na juventude, apesar dos pais serem contrários a independência da Jamaica, ele enquanto estudante se identificou com esse ideal tornando-se anti-imperialista.

Politicamente, ainda na Jamaica, junto a outros colegas identificados com a vontade de tornar a Jamaica livre do jugo imperialista da Inglaterra, começou a interessar-se por movimentos de cunho descolonizador — formação de núcleos sindicais e trabalhistas, partidos políticos jamaicanos, entre outros —, todos eles voltados para a formação de um autônomo governo jamaicano. Esse envolvimento de certa forma, complementaram a educação formal, típica de uma localidade colonial, com leituras adjacentes (tais como Freud, Marx, Lênin, James Joyce, T. S. Elliot) e por sua vida, segundo ele passaram diversas pessoas que contribuíram de forma significativa para a construção da sua carreira acadêmica principalmente por lhe transmitirem autoconfiança.

Na ocorrência de um fato pessoal que envolve problemas psiquiátricos com membros da sua família, Hall encontra uma conexão entre cultura e subjetividade. Compreendendo que estruturas ligadas ao psiquismo influenciam e são influenciadas pela cultura e suas demandas institucionais, ele interpreta que o mundo das emoções, dos sentimentos são arenas de formação de identificações do ser, que as aspira ou rejeitam a partir também daquilo que carregam na alma de acordo com o momento histórico que estão vivenciando.

Foi para Oxford, levado pela sua mãe, e preparado para aquela realidade narra que se sentia íntimo da Inglaterra, embora não fosse um inglês. Saído da Jamaica quando esta ainda era uma colônia, não se sentia também um jamaicano da nova realidade daquele lugar: realidade pós-colonial, pós-escravocrata e negra.

É quando, deslocado, ele começa a refletir o sentimento de diáspora. Em suas palavras

“Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencem completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada.”<sup>1</sup>

Entendemos assim, por diáspora, uma sensação de se sentir estrangeiro mesmo em lugares familiares por ter experimentado uma migração cada vez mais comum na modernidade tardia, o que o faz indicá-la como uma experiência pós-moderna clássica.

Porém, a formulação deste conceito passou por várias experiências vivenciadas pelo autor na Inglaterra. Uma delas, de significativa importância, foi o envolvimento com a então Nova Esquerda<sup>2</sup>, onde ele pode experimentar as reflexões acerca do socialismo não dogmático, livre para criticar tanto o imperialismo quanto o stalinismo.

Mas, mesmo envolvido com a política da Inglaterra, ele não se sentia a vontade para compartilhar com os trabalhadores ingleses suas representações. Não lhe cabia o “nós”. Logo depois de ter deixado a edição da *New Left Review*, tendo ido lecionar mídia, cinema e cultura popular no Chelse College, da Universidade de Londres, interessou-se cada vez mais por temas relacionados à cultura e aprofundou seus estudos em antropologia, o que foi o início dos seus estudos culturais. Foi um dos fundadores e participantes ativo do departamento do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham, em 1964, onde atuou como professor, pesquisador, diretor executivo e diretor geral — quando no afastamento Richard Hoggart — lá permanecendo até 1979, quando se sentiu seguro que o departamento caminharia sem ele.

Quando questionado sobre o porquê de não ter voltado para a sua terra, como muito de seus amigos o fizera, exercer seu poder intelectual na vida política e social de seus país, ele responde que além do seu envolvimento político na Inglaterra com a já mencionada Nova Esquerda, também ocorreu o seu casamento com a feminista inglesa Catherine, o que o fez pousar ainda mais por aqueles ares.

Dedicou-se, até sua morte — em 10 de fevereiro de 2014, por problemas de saúde — aos estudos sobre multiculturalismo (o que lhe rendeu o título de pai do termo), globalização e identidade.

No próximo tópico deste artigo, nos inclinaremos em estudar mais detidamente as ideias do autor acerca da identidade, agora que já entendemos a importância que esse tema teve em sua vida projetando-se na sua carreira acadêmica.

### **Stuart Hall: Uma visada rápida sobre seu texto mais popular no Brasil**

Muito provavelmente, qualquer estudante de graduação que esteja começando a dialogar com as questões pertencentes à identidade deve ter tomado contato com um pequeno livrinho de capa azul, cujo título é “*a identidade cultural na pós-modernidade*”. Esse libelo é, na verdade, o texto mais popular de Stuart Hall no Brasil. Aqui, ele foi publicado ainda no começo da década de 1990, quase simultaneamente à sua publicação original que se deu em 1992.

Traduzido para o português por Tomaz Tadeu da Silva, pedagogo que dedica parte das suas pesquisas à discussão das relações intersubjetivas na educação, e por Guacira Lopes Louro, pedagoga e historiadora interessada em questões de gênero e

educação, “*Identidade Cultural na pós-modernidade*” é, na verdade, um pequeno trecho de uma obra maior.

O título original de “*Identidade...*” é “The question of cultural identity” (A questão da identidade cultural<sup>3</sup>). Esse pequeno texto faz parte de uma obra maior, “*Modernity and its Futures: Understanding Modern Societies*” (A modernidade e seu futuro: entendendo as sociedades modernas), produzida em conjunto por Tony McGrew, Stuart Hall e David Held. Os esforços resultantes desse trabalho conjunto renderam pelo menos quatro livros. O texto de Hall, aparece no quarto volume, cujo índice expomos abaixo, com suas respectivas traduções:

Preface (Prefácio)
Table of Contents (Índice)
Introduction (Introdução)
<b>1- Liberalism, Marxism and Democracy: David Held.</b> (Liberalismo, Marxismo e Democracia)
<b>2- A Global Society: Anthony McGrew</b> (Uma Sociedade Global)
<b>3- Environmental Challengers: Steven Yearley</b> Mudanças Ambientais
<b>4- Post-Industrialis and Post-Fordism: John Allen</b> (Pós-industrialismo e Pós-Fordismo)
<b>5- Social Pluralism and Post-Modernity: Kenneth Thompson</b> (Pluralismo Social e Pós-modernidade)
<b>6- The Question of Cultural Identity: Stuart Hall</b> (A questão da identidade Cultural)
<b>7- The Enlightenment Project Revisited: Gregor McLennan</b> (O projeto iluminista revisitado)
<b>Acknowledgements</b> (Agradecimentos)

Como se vê no índice, o texto de Hall é apenas um capítulo num conjunto de produções cuja seta se direciona para a discussão de temas prementes nos debates sobre a modernidade e a pós-modernidade.

Publicado no Brasil pela DP&A<sup>4</sup>, o livro de Hall rapidamente ganhou uma visibilidade estrondosa, cuja onda se estende até os dias atuais. É possível conjecturar algumas razões para explicar esse sucesso.

Em primeiro lugar, o livro/capítulo, como dissemos, contou com a tradução dos professores Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, ambos pesquisadores

renomados no meio acadêmico brasileiro e atuantes em programas de pós-graduação com perfis interdisciplinares, o que ajudava a fazer o texto transbordar as barreiras de campos específicos, como a educação.

Em segundo lugar, o livro foi lançado em 1992 num momento em que os debates sobre os “estudos culturais” ganhavam fôlego, mas careciam de um texto introdutório, mas não simplista, capaz de pontuar e historicizar os debates sobre temas como “sujeitos”, “identidades”, “multiculturalismo”.

Também contribuiu para o sucesso do livro no Brasil a simbiose que ocorre entre as ideias dos tradutores e as do autor original. Isso ajudou para que o texto ganhasse em didatismo sem perder em rigor. Se, por um lado, pode se imaginar que Hall tenha escrito “*A identidade...*” como texto fácil de ser lido no original — dado que de fato não podemos averiguar em virtude dos nossos limites no trato com a língua inglesa — não é menos importante o fato da tradução portuguesa apresentar um estilo leve, com ideias bem concatenadas, profundas, mas claras, sem grandes volteios teóricos.

Para se ter uma ideia da importância e da repercussão desse libelo no Brasil, nossa primeira opção metodológica era fazer um apanhado quantitativo (ainda que fosse por amostragem) que demonstrasse a inserção do livro em programas de pós-graduação, consultando a lista de referência bibliográfica dos trabalhos defendidos.

Uma visita rápida à BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), hospedada na rede mundial de computadores no domínio do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) mostrou que a tarefa era demasiada para o propósito desse trabalho. Basta ver que os mecanismos de busca da BDTD listam 165 referências ao nome de Hall. Com um montante desses, a consulta detalhada das referências bibliográficas dessas teses e dissertações ficou inviável. Mas, por outro lado, ficou comprovada, graças às 165 referências apontadas pela BDTD, a hipótese da intensa inserção do texto de Hall nos programas de pós-graduação de todo o Brasil. E destaquemos: estamos falando apenas de teses e dissertações; ou seja, da inserção em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Outro elemento que corrobora a importância da “Identidade...” é a vultosa quantidade de resenhas e artigos que sobre ele se escreveram. Entre textos que vão de trabalhos para disciplinas de graduação a artigos acadêmicos, podemos listar mais de 20 produções que tomam o texto de Hall como centro gravitacional das discussões apresentadas<sup>5</sup>.

Mas, afinal, o que é esse livro?

A escrita do livro está organizada em seis momentos/ capítulos que traz visões acerca da preocupação principal — a identidade — em relação com temáticas que discutem pós-modernidade, temporalidade e espacialidade. Desta forma, sua primeira proposta foi conceituar identidade distinguindo-a em pelo menos três concepções: a identidade do sujeito iluminista, a identidade do sujeito sociológico e a identidade do sujeito pós-moderno. Esta última ele retomará durante toda a escrita. Assim o faz por entender que as nossas identidades veem passando por transformações adequadas ao processo global de fragmentações em diversas fases da nossa vida social. É a herança do século XX que mudou estruturalmente muitas das nossas certezas, seja no campo da sexualidade, do gênero, da etnia, da nacionalidade, de classe entre outros.

Para Hall, o sujeito no Iluminismo possuía uma identidade praticamente estática, tendo como centro essencial o seu eu, o ponto de partida e chegada era a capacidade racional do ser junto à consciência de ação. Nesta concepção de identidade, nos parece que o ser passava pela vida, mas a vida não passava por ele. Tanto assim que aparentemente não ocorriam mudanças em sua conduta que pudesse atestar uma transformação substancial da sua forma de ver e agir no mundo.

Na segunda concepção de identidade trabalhada — a identidade do sujeito sociológico — já podemos perceber o reconhecimento de que as relações dos homens, em meio à complexidade do mundo moderno, interferem significativamente na sua construção. Essa interação entre homem e sociedade dá-se através de mediações de uma série de símbolos, sentidos e valores que se tornam importantes para o ser e o influencia na formação do sujeito. É um movimento interior e exterior ao ser, porque ao mesmo tempo em que internalizamos esses significados e valores, projetamo-las para fora de nós através de identidades culturais.

A identidade do sujeito pós-moderno é a que vai ser o tema primordial de reflexão. Hall nos diz que é uma identidade móvel, múltipla e fragmentada. Nesta concepção não caberá mais pensar em identidade única e estável, mas, em uma composição de diversas identidades vivenciadas pelo ser que nem sempre estarão em concordância admitindo-se que estas possam ser inclusive contraditórias.

Esta última está em conformidade com as mudanças acontecidas na modernidade tardia, onde a chamada globalização impacta decisivamente as relações sociais, visto que a temporalidade e a espacialidade tomam dimensões revolucionárias em termo de interação entre os sujeitos e identidades culturais. Já na modernidade, podemos constatar o caráter de mudanças frenéticas nas estruturas sociais. Na

modernidade tardia essas mudanças exteriores estão ainda mais velozes, têm alcançado maiores proporções e com maior intensidade influenciam os sujeitos que estão inseridos no processo de globalização. Algumas vezes motivados por uma necessidade de sentir-se incluso nas atividades próprias deste tempo em que vivemos — atividades voltadas à vida profissional e/ou social — e outras envolvidos pela subjetividade do processo da sua própria inserção contextual, estes sujeitos são afetados em maior ou menor grau pela globalização. Mas antes de aprofundar a discussão sobre a globalização em si, ele fará uma discussão acerca do sujeito moderno em seu nascimento e sua morte.

As mudanças da modernidade foram decisivas para que as bases da sociedade, que pareciam ser imutáveis, fossem desestruturadas. Essas mudanças tiveram suas raízes em diversos movimentos erigidos naquele momento, tais como

a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada.<sup>6</sup>

E esses movimentos tiveram diversos pensadores — filósofos, cientistas, religiosos — que mais do que falaram sobre essa nossa construção identitária, puderam vê-la nascer nas ações dos sujeitos desse tempo. O próprio surgimento das ciências da sociedade acontece na tentativa de explicar essa nova maneira de ver e pensar o homem e a sociedade tendo em vista esses novos acontecimentos. O sujeito sociológico vive e interage na sociedade e com a sociedade em um movimento interativo “*com sua reciprocidade estável entre "interior" e "exterior"*”. No final do século XX (período chamado aqui pelo termo de modernidade tardia), podemos perceber outros movimentos e conjunturas que começaram a mexer com a imagem com as certezas do sujeito forjado na razão da modernidade e desta forma provocaram uma descentralização dele próprio. No livro, Hall indicará que os grandes responsáveis por esta descentralização teriam sido: as releituras da tradição marxista no estruturalismo; a descoberta do inconsciente por Freud; as investigações da linguística estrutural que considerou a língua como um sistema social e não individual; os escritos de Foucault que falam sobre poder disciplinar e; o feminismo que, entre os chamados “novos movimentos sociais”,

questionou a organização societária do período. Essa descentralização fez surgir o sujeito pós-moderno.

O próximo passo para Hall, foi questionar as identidades nacionais. Como as culturas nos Estados nacionais tinham sido forjadas para dá essa identidade unitária aos participantes destas. Ele observou a forma como cada indivíduo entendia sua identidade a partir do imaginário da ideia do que dá “liga” a identidade da nação.

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.<sup>7</sup>

Partindo desse ponto de vista, consideremos as identidades nacionais como uma construção imaginária dotada de uma áurea que olha para o passado (um passado grandioso e exaltado), mas que tenta criar uma unidade para o futuro. A mídia, a literatura e a cultura popular são em partes responsáveis por alimentar esse imaginário. Através de histórias contadas de geração em geração, recriadas na fixação e reafirmadas nas propagandas vai se formando uma autoimagem nacional que resvala em uma autoimagem pessoal do indivíduo participante desta cultura. Isso é muito conveniente para que se exerça um certo tipo de “poder cultural”, uma vez sabido que os estados-nação não foram de todo sempre como se constituem, mas formados por dominações de várias espécies e a custo de imposições igualmente diversas, inclusive — ao até principalmente — as de ordem cultural.

O fato é que, se analisarmos detidamente as questões concernentes a identidade nacional, chegaremos à conclusão que a sua existência real, enquanto agregadoras de indivíduos calcada em uma unidade comum para os indivíduos, não tem razão de ser. Ainda assim, essa concepção de culturas nacionais também vem sofrendo um deslocamento conceitual na estrutura do sujeito pós-moderno.

Isso acontece por impulsão de mudanças constantes trazidas pelo processo de globalização que, revolucionando a ideia de distância e espaço, mexe com as relações humanas (trocas culturais, comerciais, políticas e sociais) e, também resvala no sentimento de pertencimento das pessoas em um mundo que se torna cada vez menor.

Esse acelerado contato entre culturas, para Hall, poderia levantar três hipóteses principais em relação às identidades nacionais, as quais pontua:



- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do "pós-moderno global".
- As identidades nacionais e outras identidades "locais" ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades — híbridas — estão tomando seu lugar.<sup>8</sup>

As três possibilidades encontram representações em diversas sociedades observadas, porém, a perspectiva de formação de novas identidades, formadas na convivência e inter-relação entre as diversas culturas encontra um espaço maior nas observações do autor. Esse movimento de construção de novas identidades ele chamou de “tradução”(termo que tomou emprestado de Robins).

A identidade traduzida seria aquela que reconhece a impossibilidade de voltar a um estado de “pureza étnica” depois de ter entrado em contato com o diferente e que por tanto reúne elementos de diversas identidades para compor e recompor novas formas identitárias.

No próximo tópico, nos preocuparemos em deixar mais evidente essas questões acerca de identidade e diferença no pensamento de Hall.

### **Identidade e diferença: Hall em diálogo sobre identidades**

Na construção do conceito de identidade em Hall, iremos encontrar inevitavelmente com a ideia de diferença. O autor afirma que a identidade é construída em relação justamente porque nós o que nos é próprio da identidade a partir da negação do que é próprio na identidade do outro. Aquilo que é “desigual”, estranho, avesso, fortalece ou reforça elementos significativos da identidade em questão. Para esse jogo de contraposições eu precisarei da forma de ser, estar e viver do outro para construir e até entender a minha própria forma de ser, estar e viver.

Na negação e na diferença é que as identidades são forjadas e é na contradição que os elementos identitários surgem. Nesse sentido, o autor também reflete sobre a sensação de pertencimento que o sujeito toma para si. A partir de quais discursos são formadas as identidades nacionais, por exemplo. Que elementos simbólicos são introduzidos e exaltados nesses discursos. E a quem interessa, neste caso das

identidades nacionais, que tais discursos sejam reproduzidos e reverenciados. Nas palavras de Hall

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.<sup>9</sup>

A cultura é quem dará conta desse aspecto agregador da identidade nacional e a partir desse discurso o sujeito construirá também a sua própria identidade. Então, as diferenças entre as nações, assim como a diferença entre os homens e mulheres que nelas habitam são “imaginadas”. Imaginadas porque não existem *a priori*, antes, são frutos destes discursos reproduzidos em narrativas que poderão ser observadas em diversos momentos da convivência social da nação. A pretensa construção de um a ideia de povo que constitua uma nação unitariamente o fortalecimento da ideia de identidade vai estar ligado à tradições que nem sempre são seculares, mas, frequentemente são invenções recentes.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.”<sup>10</sup>

O autor sustenta que na dita modernidade tardia essas identidades não são mais centralizadas e uniformes. O contato causado pelas culturas, motivado principalmente pelo processo de globalização, alterou essa ordem de coisas resultando numa fragmentação que torna possíveis a convivência entre múltiplas identidades inclusive antagônicas. E sua preocupação em refletir identidade reside no entendimento de que não se pode mais persistir nos discursos centralizados acerca desta.

Precisamos vincular as discussões sobre identidade a todos aqueles processos e práticas que tem perturbado o caráter relativamente “estabelecido” de muitas populações e culturas: os processos de globalização, os quais, eu argumentaria, coincidem com a modernidade.<sup>11</sup>

Com a migração crescente e constante dessa realidade pós-moderna, a diáspora analisada nos textos de Hall problematizará essa dita diferença. Cada vez mais próximos das realidades culturais uns dos outros, os cidadãos do mundo passam a tornarem-se cada vez mais híbridos. Portadores de uma cultura — ou poderíamos dizer culturas —

diversa e heterogênea. A diferenciação ficando menos importante, conseqüentemente a identidade, composta de forma veemente nesta diferença, vai perdendo também sua força. Mas lembremos que essa “força” está ligado à identidade como a conhecemos: aquela unificadora, que transmite a segurança do pertencimento. Uma vez que a diferença não é exaltada, a identidade também ficará em segundo plano, ou se ressignificará. Tornar-se-á deslocada da centralidade que um dia lhe foi atribuída.

No capítulo “Quem precisa da identidade?”, do livro *Identidade e diferença*, que já fora citado acima, Hall dialoga com vários autores acerca da temática, demonstrando que a importância de pensar identidade vai além de formular um conceito que dê conta da sua totalidade. Antes, se torna necessário para pensar formas de dominação que se dão inclusive pela linguagem. Dirá que não se trata de mudar a substância de uma palavra trocando o seu sentido essencial, mas, tem a ver com questionar o sentido atribuído a esta de forma mais contundente, observando como isso influencia a nossa maneira de nos enxergarmos — a nós mesmos e aos “outros” (os diferentes, os estranhos).

Entre as conexões que faz entre diferentes autores — entre eles — Hall fala acerca da identificação, como podemos ver nessas linhas:

[...] a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; ela está, ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença, a fusão total entre o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação [...]

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” — uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade.<sup>12</sup>

Entendemos aqui que ele coloca a identificação, diferenciando-a da identidade, em um terreno mais escorregadio e flexível, sendo mais volátil e inconclusa, destacando que este conceito (o de identificação) não tem um desenvolvimento compreensivo muito aprofundado nas ciências sociais. Continua afirmado que a identificação “*está fundada na fantasia, na projeção e na idealização. Seu objeto tanto pode ser aquele que é odiado quanto aquele que é adorado*”.

Compreende que todas as identidades são construídas ou forjadas na exclusão e que um processo não natural, mas naturalizado, faz com que as pessoas aceite as

identidades para elas designadas. O autor destaca o conceito de identidade que ele carrega dizendo:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura*, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”.<sup>13</sup>

No próximo tópico, trataremos de investigar o pensamento de outro teórico pensador das questões relativas à identidade na dita pós-modernidade e em seguida, concluiremos com uma aproximação conceitual entre ambos.

### **Zygmunt Bauman: Uma vida produtiva em profusão**

É pouco provável que uma lista com os cinco mais conhecidos nomes da Sociologia na atualidade possa ser construída sem citar Zygmunt Bauman. Suas ideias e conceitos, que oscilam entre a inovação e a provocação, aparecem nas capas de muitos de seus livros como um convite e um desafio: (liquidez, ambivalência, identidade, consumo). Seu pensamento, ao lado de seu estilo leve sem deixar de ser profundo, conferem ao sociólogo polonês<sup>14</sup> um caráter atraente e sedutor que cativa leitores e seguidores mundo afora. E no Brasil não é diferente.

Embora tenha seus primeiros títulos publicados no Brasil ainda nos anos 1970<sup>15</sup>, foi a partir dos anos 1990 que a produção de Bauman aportou com força em nosso país. Desde então, mais de 30 livros<sup>16</sup> foram publicados, embora nem todos sejam uma produção recente<sup>17</sup>.

Um dos motivos para a chegada desses textos por volta dos anos 1990, aliás, possivelmente, tem relação com a postura crítica que Bauman assume diante do neoliberalismo, modelo de gestão política e econômica que, a despeito das muitas críticas, grassou no Brasil justamente naquela década.

Ainda que não concorde em ser chamado de “profeta da pós-modernidade”, Bauman certamente não estranha em demasiado encaixe do seu pensamento na fileira dos autores pós-modernos. Mas, ao contrário do que se possa supor duma leitura

apressada desse conceito, para Bauman, erram os que pensam que a pós-modernidade significa o fim da modernidade, ou mesmo a ascensão do tempo do vale tudo.

Entre suas obras mais conhecidas no Brasil, constam *Modernidade e Holocausto* (1989), *O mal-estar na pós-modernidade* (1998), *Globalização: as consequências humanas* (1999), *Comunidade* (2000), *Modernidade líquida* (2001), *Amor líquido* (2004). Em muitos casos, seus escritos, a exemplo do que fez Stuart Hall tomam um tom que aproxima experiências pessoais e reflexões sociológicas. São exemplos desse tipo de escrita<sup>18</sup>:

- a) *“Bauman sobre Bauman”* (2011), que resulta de cinco diálogos entre Bauman e o também sociólogo Keith Tester em torno de três perguntas que estimulam as conversas: “Quem é Zygmunt Bauman?”, “O que faz Bauman?” e “Por que um dos maiores sociólogos contemporâneos faz o que faz?”;
- b) *“Isto não é um diário* (2012), que resulta do acúmulo de anotações diversas e dispersas, escritas entre 2010 e 2011, e que abrangem assuntos díspares que vão desde a Primavera Árabe até a solidão na internet;<sup>19</sup>
- c) *Identidade* (2005), que resulta da longa entrevista que cedeu ao jornalista Benedetto Vecchi, acerca dos dilemas que o mundo atual impõe aos sujeitos.

Essa relação entre vida e escrita pode ser melhor compreendida numa rápida olhada através de sua biografia<sup>20</sup>.

Polonês e judeu, Zygmunt Bauman nasceu em 1925. Para enfrentar o nazismo, foge para União Soviética e alista-se no exército polonês, aliado ao Exército Vermelho, bem no fim da Segunda Guerra Mundial. Quando volta à Varsóvia, dedica-se ao estudo de sociologia tendo sido influenciado por professores que o incentivavam a pensar, de forma crítica, as ideologias pungentes. Assim, foi um dos importantes colaboradores do movimento conhecido como “outubro polonês”, quando jovens poloneses criticavam a interferência da política de Moscou em seu país.

Não é difícil concluir que virou pessoa malquista pelo partido comunista e, em 1968, seus trabalhos foram vetados. Logo depois, ele próprio foi igualmente proibido de lecionar e acabou por ser expulso de seu país natal. Precisou mudar-se sob acusação de traição e assim chegou à Inglaterra, onde se estabeleceu e se “firmou”, na Universidade de Leeds.

Evadido da Polônia primeiro para atacar o nazismo, depois para fugir das perseguições do Partido Comunista Polonês, Bauman será um “deslocado”, acolhido na Inglaterra, mas nunca um inglês. Suas reflexões acerca de pertencimento e identidade estarão sob a influência deste episódio para sempre<sup>21</sup>. Como ele mesmo afirmou à historiadora Maria Pallares- Burke ao ser indagado sobre seu ajustamento à cultura britânica:

Ajustamento nunca ocupou um lugar prioritário no meu programa de vida. Nesse campo, não fui além do básico (...) ao chegar à Grã-Bretanha não estava particularmente preocupado em esconder, sufocar ou erradicar minha idiossincrasia, em abandonar o que no meu modo de agir e pensar poderia parecer estranho aos nativos. (...) “Ajustamento” sugere uma via de mão única. Ao contrário, eu pensava em termos de troca igualitária:...”<sup>22</sup>

Uma vez na Inglaterra, continua seus estudos sociológicos e se torna uma das personalidades mais destacadas a pensar os assuntos referentes às identidades e suas imbricações com a territorialização e o sentimento de pertença. Suas análises sobre o tema, tanto na entrevista concedida a Vecchi, como em outras obras, são profundas e em constante diálogo com outros grandes teóricos da sociologia clássica inclusive. O próprio Bauman, no entanto, considera essas análises inconclusivas. Bauman traça um raciocínio acerca de como as identidades foram forjadas, o porquê e para quem isso foi de certa forma útil e também o porquê de elas não são mais tão necessárias assim. Esse será o tema do próximo tópico.

### **O livro “Identidade”: sobre como nos transformamos**

*Identidade* nasce de uma entrevista concedida por Bauman ao jornalista italiano Benedetto Vecchi através de trocas de e-mail. Sua primeira edição, aparece em 2004, em inglês. O fato deste diálogo não ter acontecido face a face, possivelmente, deu a substância deste escrito algo especial. Segundo o próprio entrevistador, entre uma resposta e outra, reflexões, análises e “apêndices” puderam ser maturados com maior tranquilidade.

Vecchi nos deixa a par, logo na introdução do texto, que para Bauman conceituar é algo que não contribui para a soltura de reflexões mais aprofundadas. Conceituar castra a potencialidade das reflexões e por isso, segundo ainda o

entrevistador “*Zygmunt Bauman é reconhecido por conseguir abalar nossas crenças fundamentais*”<sup>23</sup>. Tanto que quanto mais o diálogo se estendia, mais ele tomava consciência de que os achados iam muito além do esperado.

O livro tem uma estrutura muito simples em termo de organização. Conta com uma introdução, onde Vecchi faz uma breve apresentação da obra e do autor, bem como do assunto a ser tratado. Em seguida, segue as perguntas e respostas, ou melhor, o diálogo entre eles. E finaliza com notas feitas no corpo do texto, já que as discussões teóricas entre ambos permitem um cem número de citações. Embora a estrutura não seja complexa, os escritos demandam uma certa desenvoltura do leitor acerca do arcabouço teórico mencionado. Não que o entendimento do livro seja difícil, mas conhecer os nomes citados e saber algo das suas ideias dará mais desenvoltura acerca das hipóteses levantadas pelo autor.

Na entrevista, Bauman faz um apanhado da vida na contemporaneidade e traz essa discussão para a sua concepção da era líquido-moderna<sup>24</sup>. Nessa perspectiva são contempladas as questões relativas ao pertencimento, à ética das relações atuais, ao espaço do eu e do outro, às concepções de necessidades dos Estados-nações, ao alcance das liberdades individuais, todas estas questões costuradas pela reflexão acerca de identidade e identificação. É justamente essa ambivalência da identidade que sustentará toda a conversa da entrevista.

Bauman acredita que não se pode fechar em um aspecto a identidade dos indivíduos. Não guardar sob uma identidade, como por exemplo, a identidade nacional, todas as outras que um indivíduo pode carregar, tais como as identidades social, sexual, cultural, religiosa etc.

Ele sustenta que essa ideia de que identidade é algo a priori, algo que o ser carrega de nascimento foi algo forjado por uma necessidade histórica que nos foi encucada de forma calculada e violenta. Para explicar isso, recorre à noção pré-moderna de identidade nacional e demonstra este discurso assume um caráter preponderante e até certo grau dogmático, suprimindo e silenciando o próprio sujeito em detrimento da constituição da nação.

Na era líquido-moderna a questão da supervalorização da identidade nacional é questionada porque a própria ideia de Estado-nação é questionada. O retraimento do papel social do Estado e outras séries de mudanças trazidas e potencializadas pela globalização em diversas áreas da vida social – mundo do trabalho, economia, cultura entre outras – deslocou a centralidade identitária confortavelmente atribuída aos

sujeitos. No lugar desta, trouxe diversas redes de relações que resulta em uma fragmentação dissolvente de vários outros tipos de relações de décadas anteriores.

Essa fragmentação está explícita na falta de unidade do que ele chama de novos atores e movimentos sociais, que não operam mais na lógica de bem comum, antes, trazem suas demandas pontuais para serem visualizadas. “*A guerra por justiça social foi, portanto, reduzida a um excesso de batalhas por reconhecimento*”.<sup>25</sup> Quando trata desta dissolução das lutas sociais, não as associa simplesmente ao declínio dos movimentos sociais pelo esvaziamento de suas lutas, ele vê isso como um reflexo próprio de um tempo em que o descontentamento social com a esfera política vai despolitizando as bandeiras e este sentimento gerou um mundo onde o descontentamento social

dissolveu-se num número indefinido de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual procurando a sua própria âncora social. Gênero, raça e heranças coloniais comuns pareceram ser os mais seguros e promissores. todas eram cegas, ou pelo menos desconfiadas ou francamente hostis, a reivindicações semelhantes de exclusividade declaradas e ouvidas por outros.<sup>26</sup>

Observando esse caráter múltiplo das identidades atenta para o inevitável conflito entre elas. O conflito é a base de construção da identidade segundo Bauman. É a partir da diferenciação entre eu e o outro que se constrói a identidade. Então a diferença é exaltada para que a representação de identidade seja demonstrada. O “outro” é o estranho, o estrangeiro, aquele que não cabe na minha representação e a partir dessa estranheza, do que não é o outro que surge o que eu sou. Segundo Bauman

As batalhas de identidade não podem realizar sua tarefa de identificação sem dividir tanto quanto, ou mais do que unir. Suas intenções includentes se misturam com (ou melhor, são complementadas por) suas intenções de segregar.<sup>27</sup>

Para falar de globalização, Bauman usou a metáfora do quebra-cabeças. Diz que ao compor as identidades diante o quadro de globalização, várias peças nos são sugeridas e as peças que escolhermos vão compondo um quadro geral. Diferente dos quebra-cabeças montados não se tem um número específico de peças, muito menos a pré-visualização da imagem final, porque não há uma imagem final. O quebra cabeça identitário de Bauman está muito mais para um mosaico de peças escolhidas feitas e defendidas pelo sujeito. Dizemos escolhidas porque, hoje, as relações diversas entre as



peças permite que muitos tipos de situações sejam experimentadas. Isso gera uma certa superficialidade das relações que vão ressoar também na identidade.

Se antes família, Igreja e Estado influenciavam decisivamente na construção das identidades, atualmente as relações “eletronicamente mediadas” tendem a se desconectar na mesma velocidade em que se conectam. Essa é uma das características marcantes dessa época líquido-fluida: a capacidade de movimento e fazer e desfazer das interações sociais de sujeito desses tempos. Um indivíduo livre, desimpedido, flutuante, identitariamente flexível.

Quando questionado sobre a própria identidade, Bauman responde:

Se você deseja que eu ate os muitos dos que começamos a tecer, mas na maioria dos casos deixam os soltos, eu diria que a ambivalência que a maioria de nós experimenta a maior parte do tempo, ao tentarmos responder à questão da nossa identidade, é genuína. A confusão que isso causa em nossas mentes também é genuína. Não há receita infalível para resolver os problemas a que essa confusão nos conduz, e não há consertos rápidos nem formas livres de risco para lidar com tudo isso.<sup>28</sup>

Bauman não desvia da questão, mas a coloca de uma forma mais ampla, complementando em seguida:

Também diria que, apesar de tudo, teremos de nos confrontar vezes sem conta com tarefa de auto identificação, a qual tem pouca chance de ser concluída com sucesso e de modo satisfatório. É provável que fiquemos divididos entre o desejo de uma identidade de nosso gosto e escolha, e o temor de que, uma vez assumida a identidade, possamos descobrir que não existe uma ponte, se você tiver de bater em retirada.<sup>29</sup>

É sugerido pelo autor que cuidemos de não deixar que uma tendência de formação de identidades que carreguem a perspectiva conservadora e inflexível dos termos comunidade e cultura seja preponderante. Esta realidade nos traria problemas da convivência pautada na exaltação da diferença/ superioridade.

No jogo das identidades, Bauman pontua a globalização, vista por ele como uma nova ordem que modificou as estruturas da vida social de forma tão intensa que provocou a transformação de uma moderna para uma ordem pós-moderna. O impacto que essa nova realidade trouxe sobre os sujeitos é exemplificada, segundo Bauman, pelo texto que um cartaz publicitário, veiculado em pleno auge da Segunda Guerra:

Em 1944, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua

democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, árabicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro”.<sup>30</sup>

Esse modo de exibir o múltiplo desemboca numa ideia pessoal de deslocamento, que foi construída juntamente a partir da sua própria trajetória, que faz uma reflexão sobre ser melhor escolher identidades do que aceitar as que lhe são impostas. Nesta perspectiva, a defesa de uma posição é feita a partir de uma escolha – que pode inclusive ser momentânea – e não de um critério pré-determinado, como o de nascimento, por exemplo. Isso porque é preciso ter consciência da provisoriedade de papéis identitários pela própria fragilidade destes.

Para Bauman, foi o Estado Moderno que trouxe a perspectiva da pluralidade de identidade. Antes disso, temos um sujeito estático, mas a ideia de Nação constitui a nacionalidade e toda carga comportamental que esta impunha ao sujeito. Ainda o Estado era quem decidia acerca dos critérios utilizados para a identidade e era este, também, que forjava cuidadosamente esta identidade. Uma unidade pensada com um fim bem específico.

Bauman acredita que a globalização tenha mexido drasticamente tanto com essa noção espaço-tempo, quanto o entendimento da ideia de fronteiras nacionais e que isso impactou as identidades nacionais.

### **Conclusão: aproximações e distanciamentos entre Hall e Bauman**

Acerca do pensamento de Bauman e Hall sobre as identidades o que de mais concreto que podemos dizer é que eles não fecham um conceito e que suas reflexões são relacionadas ao que pensam sobre a contemporaneidade. É pensando nesses tempos que ele traça a nova concepção de identidade relacionando-o com os tempos de modernidade sólida.

Assim como Hall, ele traz uma ideia de deslocamento, que foi construída juntamente (ao até a partir) da sua própria trajetória, e, então, faz um alerta a todos nós dizendo que é melhor escolher identidades do que aceitar as que nos são impostas. Nesta perspectiva a defesa de uma posição é feita a partir de uma escolha – que pode inclusive ser momentânea – e não de um critério pré-determinado, como o de nascimento, por exemplo. Isso porque é preciso ter consciência da provisoriedade de papéis identitários pela própria fragilidade destes.

Em todo caso, Bauman aposta que a reflexão autocrítica da sociedade é uma alternativa para não nos anularmos:

Há sempre um custo a ser pago para a melhora numa determinada direção. Mas insisto que a sociedade que obsessivamente se vê como não sendo boa o suficiente é a única definição que posso dar de uma boa sociedade.<sup>31</sup>

Nessa perspectiva, enquanto os sujeitos não entendem a perspectiva fragmentada das novas identidades, um certo estado de mal-estar os acomete, e por isso não encontram entendimento para a vivência de uma identidade continuamente em construção e/ou transformação. Nas palavras de Bauman,

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente ‘nem-um-nem-outro’, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa Época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.<sup>32</sup>

É assim que entendemos que suas pesquisas revelam uma identidade em crise e dúvida. Com as identidades nacionais ruindo a concepção sólida que tinha na modernidade e assumindo a perspectiva fragmentada caracterizada pela fluidez e culto ao efêmero e ao presente vivenciadas na era líquido moderna atual, o mal-estar parece inevitável.

Os dois autores pensam essas realidades a partir de conceitos convergentes, mas não simétricos. Em Bauman, sobressai-se o conceito de “liquidez”, que, de certo modo, traduz significados do nosso tempo. Em Hall, por sua vez, destacam-se conceitos como “sujeito” e “cultura” “estudos culturais”, “Diáspora”, que nos ajudam a pensar como os homens vivenciam esse mesmo tempo.

É elucidativo, queremos crer, das convergências entre os dois autores o modo como Bauman encerra seu livro *Identidade*:

Já que diversidade cultural é, cada vez mais, o destino do mundo moderno, e o absolutismo étnico, uma característica regressiva da modernidade tardia, o maior perigo agora se origina das

formas de identidade nacional e cultural — novas e antigas — que tentam assegurar a sua identidade adotando versões fechadas da cultura e da comunidade recusando o engajamento... nos difíceis problemas que surgem quando se tenta viver com a diferença.<sup>33</sup>

Após tomar de empréstimo as palavras de Hall, Bauman apenas acrescenta: “*Tente, o máximo possível, evitar esse problema*”.<sup>34</sup>

### Fontes e Referências bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Isso não é um diário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_, *Da Diáspora. Identidades e Mediações Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. In. *Tempo Social-USP*. São Paulo: USP, 2004, 301-25.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 14ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

\* Graduada e especialista em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA).

\*\* Professor da Universidade Estadual da Paraíba. Dr. em Sociologia pela UFPB.

<sup>1</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 415.

<sup>2</sup> A partir dos pós-guerra, mais acentuadamente a partir dos anos 1960, uma nova agenda passa a constar nos movimentos políticos, problematizando os dizeres “Capital X Trabalho”. Essa nova agenda coloca em pauta, de forma mais contundente, as reivindicações dos sujeitos históricos a partir de suas identidades de gênero, raça, territorialização, por exemplo. Em torno dessa nova agenda aglutina-se o que convencionou-se chamar de “Nova Esquerda”.

<sup>3</sup> Todas as traduções que se encontram nesse trabalho, salvo quando citado em contrário, são livres e de nossa responsabilidade.

<sup>4</sup> Desde 2007, o catálogo da DP&A editora foi incorporado pela Lamparina Editora. Desse modo, as edições mais recentes dos títulos saem com o selo Lamparina. É o caso de “Identidade Cultural...”

<sup>5</sup> Apenas para citar alguns trabalhos, listamos:

a) SANTOS, Sonia Regina dos. *Das identidades como formações históricas: uma resenha da obra de Stuart Hall*. In: TEIAS: Rio de Janeiro, ano 5, nº 9-10, jan/dez 2004 RESENHAS.

(disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/144/142>)

b) SOVIK, Liv. *Stuart Hall a partir do Brasil*. (XXIII Encontro Anual da COMPÓS- Universidade Federal do Pará, 2014) (Disponível em: [http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT09\\_EPISTEMOLOGIA\\_DA\\_COMUNICACAO/comp\\_osbele\\_mlivsovik\\_2212.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT09_EPISTEMOLOGIA_DA_COMUNICACAO/comp_osbele_mlivsovik_2212.pdf))

c) MONTEIRO, Edemar Souza. Construção da identidade no contexto sociocultural dos sujeitos. (In: ITABAIANA: GEPIADDE, Ano5, Volume 10|jul-dez de 2011). Disponível em: [http://200.17.141.110/periodicos/revista\\_forum\\_identidades/revistas/ARQ\\_FORUM\\_IND\\_10/FORUM\\_V10\\_04.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_10/FORUM_V10_04.pdf)

d) BRIGLIA, Tcharly Magalhães & SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. CULTURA E IDENTIDADE EM DIÁSPORA (In: BALEIA NA REDE revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura, Vol. 1, nº 7, Ano VII, Dez/2010,FFC/UNESP). Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/edicao7/Cultura\\_e\\_identidade\\_%281%29.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/edicao7/Cultura_e_identidade_%281%29.pdf)

<sup>6</sup> HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 26.

<sup>7</sup> Idem, p. 49.

<sup>8</sup> Idem, p. 69

<sup>9</sup> Idem, p. 50.

<sup>10</sup> Hall, Stuart. *Quem precisa da Identidade?* In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), WOODWARD, Kathrin & HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

<sup>11</sup> Idem, p. 108

<sup>12</sup> Idem, p. 106

<sup>13</sup> Idem, p-p. 111-112

<sup>14</sup> Maria Lucia Garcia Pallares-Burke realizou longa entrevista com o sociólogo no começo dos anos 2000. Nela, a historiadora afirma que Bauman nasceu numa região específica da Polônia (Posnânia) que compôs a Prússia Ocidental. Cf. PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. In. Tempo Social-USP. São Paulo: USP, 2004, 301-25.

<sup>15</sup> É o caso do texto “Sociologia” (BAUMAN, Zygmunt. **Sociologia**. Rio de Janeiro: FGV, INDOC, Serv. de Publicações, 1976) e de “Por uma Sociologia Crítica” (BAUMAN, Zygmunt. **Por uma sociologia crítica**: um ensaio sobre senso comum e emancipação. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1977. (Biblioteca de ciências sociais)

<sup>16</sup> No site oficial da Zahar, editora que atualmente publica as obras de Bauman no Brasil, constam 35 livros publicados. Isso porque a editora não havia computado o título “*A riqueza de poucos beneficia todos nós?*”, oficialmente lançado no Brasil em setembro de 2015. Cf. <http://zahar.com.br/autor/zygmunt-bauman> (data de acesso 17/10/2015)

<sup>17</sup> É o caso, por exemplo, do livro “Ensaio sobre o Conceito de Cultura”, publicado no Brasil em 2012. A obra foi primeiramente publicada com o título “Culture as Praxis”, pela Routledge & Kegan Paul, Londres, Inglaterra em 1975.

<sup>18</sup> Os dados sobre os livros, bem como os temas sobre os quais eles se debruçam foram retirados da página oficial da editora Zahar.

<sup>19</sup> Na introdução desse livro, Bauman deixa claro para seus leitores a razão da sua produção em profusão: “Sinto-me incapaz de pensar sem escrever. Imagino que eu seja primeiro um leitor e depois um escritor – pedaços, retalhos, fatias e frações de pensamentos em luta para nascer, suas aparições fantasmagóricas/espectrais rodopiam, comprimindo-se, condensando-se e novamente se dissipando; devem ser captados primeiro pelos olhos, antes que se possa detê-los, colocá-los no lugar e lhes dar contorno. Primeiro precisam ser escritos em série para que um pensamento razoavelmente bem-acabado possa nascer; ou, se isso falhar, ser abortado ou enterrado como natimorto”. (cf.. BAUMAN, Zygmunt. Isso não é um diário. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 8)

<sup>20</sup> Os dados biográficos sobre Bauman foram retirados da introdução do livro “Identidade”, cuja referência completa encontra-se arrolada ao fim desse trabalho, e da já mencionada entrevista que o mesmo concedeu à historiadora Maria Pallares-Burke..

<sup>21</sup> Quando foi agraciado, na Inglaterra, com o título Honoris Causa, Bauman nos narra um fato interessante para entender como essa situação de estrangeiro marcou sua forma de compreender a identidade: “Segundo o antigo costume da Universidade Charles, de Praga, o hino nacional do país da pessoa que está recebendo o título de doutor honoris causa é tocado durante a cerimônia de outorga. Quando chegou minha vez de receber essa honraria pediram-me que escolhesse entre os hinos da Grã-Bretanha e da Polônia... Bem, não me foi fácil encontrar a resposta. [...] Janina, minha companheira por toda a vida e pessoa que já refletiu muito sobre as armadilhas e privações da autodefinição, (...) encontrou a solução: Por que não o hino da Europa?” (Identidade, p-p. 15-16)

<sup>22</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. Entrevista com Zygmunt Bauman. In. Tempo Social-USP. São Paulo: USP, 2004, p. 302

<sup>23</sup> Identidade, p. 7.

---

<sup>24</sup> O conceito de “líquido” é um dos marcos fundantes do pensamento de Bauman. A expressão se refere a um só tempo ao peso e à fluidez das relações sociais na contemporaneidade. Para Bauman, o líquido, embora escorregadio, é pesado e exige dos sujeitos uma ampla concentração de forças para carregar as escolhas que fazemos na contemporaneidade.

<sup>25</sup> *Identidade*, p. 41.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 42.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 85.

<sup>28</sup> *Idem*, 105.

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> *Identidade*, p.33.

<sup>31</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Entrevista com Zygmunt Bauman*. In. *Tempo Social-USP*. São Paulo: USP, 2004, 301-25, p. 324

<sup>32</sup> *Idem*, 35.

<sup>33</sup> *Identidade*, p. 105.

<sup>34</sup> HALL, Stuart. Culture, Community, Nation. *Cultural Studies*, 3 (1993), p. 349-63. APUD: BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 105.